Sempre que pretendemos dizer alguma coisa, enquanto falamos, as palavras e as frases que utilizamos misturam-se com momentos de silêncio e hesitação até que, por fim, decidimos o que dizer.

E a nossa linguagem alimenta-se desses silêncios intermédios, num verdadeiro não dito, um fundo de silêncio que enriquece a respetiva capacidade expressiva - como se ao intermediar as palavras fosse tão (ou mais!) importante que as próprias palavras entretanto proferidas.

Toda a linguagem ensina-se a si própria…tal como uma música ou uma pintura que ainda não foram compreendidas, atraem por si mesmas o seu público e quando verdadeiramente dizem alguma coisa criam elas próprias o seu significado. (Merleau-Ponty, Phénoménologie de la Perception, 219)

O significado das palavras que proferimos, só aparece quando situado num determinado contexto e representa uma forma própria de cada um ser quem é. Por exemplo, ao recebermos uma chamada telefónica de alguém que conhecemos bem, não só identificamos de imediato quem se nos está a dirigir como, principalmente, parece que essa pessoa está presente e entendemos perfeitamente o que nos pretende transmitir. Como se se abandonassem completamente ao tipo de comunicação que acontece e só verdadeiramente tivesse importância o significado das palavras e não propriamente as palavras entretanto utilizadas.

Por exemplo, Merleau-Ponty diz-nos acerca desta importante questão alusiva à nossa capacidade expressiva através da fala que, o orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala. A sua fala é o seu pensamento.

Contínua...

Pode ver o artigo completo "O significado do que dizemos" em pdf, aqui .

Para ler o artigo precisa de Adobe Reader. Pode fazer o download de programa aqui .

Jorge Araújo
Presidente da Team Work Consultores